
Research Article

Obra cronística de Agustina: pensamento e estilo

Sofia Andrade*

Universidade de Génova

Abstract: Agustina Bessa-Luís was a regular contributor to Portuguese periodicals for six decades, between 1947 and 2007. The author's nearly twelve hundred texts were published in thirty-four different newspapers and magazines and make up a corpus of essays, editorials, criticism, short stories and, above all, chronicles. In some newspapers, the writer kept column in which she published hundreds of 'crónicas'. The column provided a space for personal freedom, with a regular and lasting cadence and a distinct audience.

This essay analyses the 'crónicas' included respectively in "Agustina Bessa-Luís and..." (1965-1972) from *Diário Popular*, "Editorial"(1986-1987) from *O Primeiro de Janeiro* and "Cartas do Campo Alegre"(1990-1991) from *Diário de Notícias*.

In her texts, Bessa-Luís commented on the main events of her historical present all the while maintaining a formal and stylistic cohesion over the decades, the main features of which were essayistic digressions, a contemporary outlook, and humour, which make his journalistic texts topical.

While her presence in the press reinforced her importance as a writer in the Portuguese literary field, it also enabled her to develop a cohesive and distinctive way of thinking about the age in which she lived, establishing herself as an intellectual of her time.

Keywords: Agustina Bessa-Luís, 'crónica', essay, periodical press

Resumo: Agustina Bessa-Luís foi uma presença assídua nas publicações periódicas portuguesas durante seis décadas, entre 1947 e 2007. Os cerca de mil e duzentos textos da autora foram publicados em trinta e quatro jornais e revistas diferentes e compõem um *corpus* de ensaios, editoriais, crítica, contos e, principalmente, de crónicas. Em alguns jornais a escritora manteve rubricas onde publicou centenas de crónicas. A rubrica permitiu um espaço de liberdade pessoal, com uma cadência regular e duradoura e um público distinto.

Neste ensaio, analisam-se as crónicas de três rubricas: "Agustina Bessa-Luís e..." (1965-1972) do *Diário Popular*, "Editorial" (1986-1987) de *O Primeiro de Janeiro* e "Cartas do Campo Alegre" (1990-1991) do *Diário de Notícias*.

Bessa-Luís comentou, nos seus textos, os principais acontecimentos do seu presente histórico, mas manteve uma coesão formal e estilística ao longo das décadas, marcada pela digressão ensaística, pelo olhar contemporâneo e pelo humor, que conferem actualidade aos seus textos jornalísticos.

A sua presença na imprensa como cronista reforçou a sua importância como escritora no campo literário português, mas serviu, principalmente, para Bessa-Luís elaborar um pensamento coeso e distinto sobre a época em que viveu, inscrevendo-se como intelectual do seu tempo.

Palavras-chave: Agustina Bessa-Luís, género crónica, ensaio, imprensa periódica

*Corresponding author: Sofia Andrade, E-mail: sofia.fa@gmail.com

Copyright: © 2025 Author. This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution 4.0 International License (<http://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>), allowing third parties to copy and redistribute the material in any medium or format and to remix, transform, and build upon the material for any purpose, even commercially, provided the original work is properly cited and states its license.

1 Agustina na imprensa

Agustina Bessa-Luís foi uma presença assídua nas publicações periódicas portuguesas durante seis décadas. Em Outubro de 1947, estreia-se na revista *Ver e Creer* com o conto “O cenáculo” e, em 2007, será a revista *Autêntica* a publicar a sua última crónica intitulada “Talento”. Entre o primeiro conto e a última crónica, a autora publicará mais de mil textos em trinta e quatro jornais e revistas diferentes. Ao longo de sessenta anos, e a par e passo com uma obra de ficção narrativa que conta com sessenta e dois títulos entre romance, novela, conto e teatro, encontram-se artigos, ensaios, editoriais, crítica (literária, de artes cénicas e plásticas), contos, entrevistas e crónicas (autobiográficas, de costume, de viagem e de opinião) na imprensa periódica.

Nos cerca de mil e duzentos artigos de Agustina Bessa-Luís, a profusão de temas tratados não permite distinguir, com ligeireza, conjuntos que organizem o *corpus* tematicamente. Muitas vezes, a multiplicidade dos temas concorre para que as tipologias discursivas sejam inextricáveis, fazendo com que um editorial se metamorfoseie numa crónica de costume, ou uma crítica literária numa crónica de viagem. Entre as mesmas tipologias são também os temas que as tornam frequentemente híbridas e, principalmente nas crónicas, é difícil fixá-las como estritamente autobiográficas, de viagem, de opinião ou de costume. Quanto ao estilo da escrita, concorda-se que é constante, tão coeso e imutável nas suas estratégias narrativas e estilísticas que, na ausência de indicações de leitura histórico-temporais, seria difícil datar e mapear estes textos ao longo das décadas.

O estudo do *corpus* requer uma contextualização atenta nos jornais e nas revistas. É através da interlocução com os textos em volta e os assuntos que ocupam a leitura quotidiana, que os artigos da autora manifestam uma habilidade dialogante com o mundo. A subtileza que os enlaça ao seu presente histórico reside no tratamento transitório dos factos e das contingências. Ou seja, dos acontecimentos a autora retira o seu valor, expandido o significado do que acontece numa narrativa cultural em perene devir. Assim, as rubricas que a autora manteve com alguns jornais permitem delinear um quadro de pensamento orientado por temas amplos, como a cultura, a Europa, ou a educação, que se alimenta do colecionismo das actualidades relevantes de uma época.

Cedo a escritora percebeu que, entre a obra e o leitor, existe um mundo de críticos, de escolhas editoriais, de opinião artística e didatismos de leitura, dos quais não se podia alhear. Mas, se o impulso inicial para escrever nos jornais corresponde a uma afirmação autoral entre os seus pares, a constância e a eficácia da sua presença na imprensa, já como cronista afirmada, devem-se a uma vontade inesgotável de apreender o sentido histórico do presente e de transmutar essa alegria espontânea do mundo numa cosmovisão, que acrescentou, ao seu valor de romancista, o de intelectual do seu tempo: “Quanto mais presente na sua realidade, mais participante de todas as realidades. Assim deve ser o artista, o pensador e o poeta.” (Bessa-Luís, 2000, p. 31)

A liberdade de um espaço pessoal com uma cadência regular e um público distinto, inserido em secções ou suplementos com outros colaboradores, foram para Agustina Bessa-Luís a conjuntura ideal para a sua oficina de pensamento. No *corpus*, destacam-se três momentos colaborativos muito intensos: com o jornal *Diário Popular* (1965-1974), no qual tem uma rubrica com duzentos e vinte e nove textos; com o jornal *O Primeiro de Janeiro* (1986-1987), que contou com duas rubricas e duzentos e quarenta textos; e com o *Diário de Notícias* (1990-1996), onde se encontram três rubricas que perfazem trezentos e sessenta e oito textos.

A presença das crónicas de Agustina Bessa-Luís nestes jornais abrange três décadas muito diferentes, desde logo marcadas pela Revolução dos Cravos. A primeira rubrica “Agustina

Bessa-Luís e...” acontece nos dez anos que antecedem este marco histórico e num jornal de grande difusão, sujeito aos tempos de controlo de informação e de censura da ditadura. Já as rubricas dos anos oitenta e noventa aproximam-se por serem publicadas num regime com liberdade de expressão, mas apartam-se por testemunharem dois momentos chave na história da imprensa portuguesa contemporânea.

Se nos anos 1974 e 1975 a “comunicação social foi, simultaneamente, o lugar da afirmação do poder em construção e de luta pela definição do futuro sistema político, económico e social” (Mesquita, 2024, p. 42)), depois de 1976 a imprensa espelha um regime democrático pluralista, acentuado por um grupo representativo de publicações periódicas pertencentes ao Estado. Apesar da presença de jornais e revistas privados, o pendor editorial não é ainda o da lógica de mercado das décadas que se seguiram. É no final deste ciclo que Agustina Bessa-Luís aceita dirigir *O Primeiro de Janeiro*, cargo que ocupou durante um ano, entre 1986 e 1987. Na rubrica “Editorial”, encontram-se reflexões sobre a função dos jornais na sociedade de então, mas, e para estranheza de muitos leitores, os seus textos editoriais são, afinal, crónicas.

A partir de 1987, o leitor torna-se também um ávido consumidor de conteúdos não-verbais e a imprensa reage, reflectindo, por um lado, este novo gosto e, por outro, abrindo espaço a periódicos de grande qualidade e a publicações especializadas. Agustina escolhe o *Diário de Notícias* onde publica ininterruptamente três rubricas, ainda e sempre, de crónicas. “Cartas do Campo Alegre” (1990) retoma uma primeira série de 1986, que a cronista interrompera para trabalhar em *O Primeiro de Janeiro*. Seguiram-se as rubricas “Árvore de Espinho” (1991-1992) e “Crónica” (1993-1996). As três podem ser consideradas um conjunto coeso de crónicas, agrupadas sob títulos diferentes por decisão editorial.

Mudaram os tempos, os jornais, os títulos das rubricas e os leitores. As crónicas de Agustina mudaram um pouco menos, mas tomaram nota de todas as mudanças. Das marcantes e das esquecidas na memória colectiva, das epochais e das quotidianas, das eruditas e das banais, todas foram o motivo, aliás o movente, para o curioso e incessante mecanismo do seu pensar.

2 Antologiar a crónica

A natureza dispersiva das crónicas, o breve tempo na memória dos seus leitores e o suporte frágil onde se inscrevem levam à sua ausência nas bibliotecas privadas e a uma arquivação especializada nas bibliotecas públicas. Ocorre antologizá-las para que, numa estante, um dedo curioso se pouse na sua sólida lombada. Na década de noventa a valorização do género crónica foi visível através da aposta do mercado editorial na publicação de antologias. Escritores com uma obra ficcional reconhecida acrescentaram à sua bibliografia volumes de crónicas. A par desta tendência, a crónica atingiu o reconhecimento institucional com a criação de prémios, tendo a Associação Portuguesa de Escritores instituído o Prémio de Crónica e Dispersos Literários em 1993.

Agustina Bessa-Luís é sensível a estas mudanças e, em 1996, a Guimarães Editores publicou a antologia *Alegria do mundo I, escritos dos anos de 1965 a 1969*, à qual se seguiu *Alegria do mundo II, escritos dos anos de 1970 a 1974*, em 1998. Unidos pelo título e pelo número de textos coligidos¹, os dois livros constituem uma sequência de crónicas escritas entre 1965 e 1974. Estes volumes partilham ainda o mesmo grafismo, diferindo apenas a cor da capa e a imagem, sendo que no primeiro volume vemos a reprodução de um desenho de Alberto Luís de 1955, onde figura a autora, e no segundo Agustina é retratada numa aguarela, sempre de

1 *Alegria do mundo I* reúne 103 textos e *Alegria do mundo II* conta com 131.

Alberto Luís e datada de 1973. Esta opção gráfica é relevante se pensarmos que a Guimarães Editores, em 1998, já publicara mais de trinta romances com um grafismo tão coerente ao longo de quatro décadas, que se tornou numa marca distintiva. *Alegria do mundo I e II* pretendiam destacar-se do romance, intenção sublinhada, desde logo, no subtítulo, onde temos a designação genérica de “escritos” e a sua datação num arco temporal. A figuração da escritora nas capas é singular porque faz coincidir a voz do cronista com a imagem de quem escreve, num tempo histórico preciso.

Os artigos reunidos estão ordenados cronologicamente, sem indicação do lugar de publicação, mas na contracapa esclarece-se que “[s]ão inúmeros os escritos dispersos de Agustina Bessa-Luís, a maior parte publicados em jornais e revistas, outros inéditos ou apenas conhecidos de restritos destinatários”². Estes dois volumes marcam uma clara diferença testemunhal dos textos, sublinhada no prefácio da autora em *Alegria do mundo I*, um elemento paratextual raro na sua obra e no qual a escritora compara a antologia de crónicas a “[u]ma coroa de flores secas (...)” (Bessa-Luís, 1996, p. 13), sugerindo uma imagem comemorativa e memorialística de um momento vivido. Mas o carácter celebrativo dos artigos vai além da mera recordação do acontecido, porque, declara, foram uma “(...) forma de afirmar a participação nas exigências de uma época (...)” (Bessa-Luís, 1996, p. 13), testemunhando, assim, o intento de interagir com o seu tempo.

A grande maioria destas crónicas fez parte da rubrica “Agustina Bessa-Luís e...” do *Diário Popular*, mas encontram-se, em ambos os volumes, alguns textos inéditos³ com uma ligação temática às crónicas publicadas. Na rubrica do jornal, lêem-se, por exemplo, duas crónicas⁴ sobre o Peloponeso, às quais se une “Mistra”, em *Alegria do mundo I*, revelando, afinal, um tríptico daquela viagem. Os inéditos indicam uma prática de escrita mais vasta daquela publicada, permitindo-nos entrever uma oficina cronística que não tem como única motivação as colaborações nos jornais, mas é parte integrante da sua actividade como escritora. Agustina Bessa-Luís nunca se pronunciou publicamente sobre o seu trabalho nos periódicos, até porque este não foi um itinerário paralelo, ou menor, relativamente aos romances. A prosa e a crónica beneficiaram da mesma dedicação e dignidade autoral.

Em 2000, e sempre com a Guimarães, é publicado um volume de trinta e oito ensaios e discursos, intitulado *Contemplação carinhosa da angústia*. Desta vez, o prefácio não é da autora, mas sim de Pedro Mexia que declara a ligação com os livros anteriores: “Este volume surge na sequência de *Alegria do mundo*, que vem recolhendo a produção jornalística de Agustina” (Mexia, 2000, p. 13). A escolha gráfica é muito semelhante à das antologias anteriores, partilhando o formato e a mesma contracapa e lombada. A capa é totalmente preenchida pela reprodução de um pormenor do quadro *Quodlibet* (1672) do pintor Cornelis Norbertus Gijsbrechts. Organizados tematicamente em oito secções sem títulos, estes textos foram escritos entre 1975 e 1998 e proferidos em conferências e congressos nacionais⁵ e

2 Texto na contracapa de *Alegria do mundo I*, sem indicação de autoria.

3 Vinte e três textos inéditos em *Alegria do mundo I* e trinta inéditos em *Alegria do mundo II*.

4 “Uma limonada em Micenas” (Bessa-Luís, 2017, p. 177) e “O preconceito de Alexandria” (Bessa-Luís, 2017, p. 185).

5 I Congresso dos Escritores Portugueses, Lisboa, 1975; Universidade Nova de Lisboa, 1983, Goethe Institut, Porto 1983; Conferência Internacional “Os Portugueses e o Mundo”, Porto 1985; I Congresso Internacional “Agustina Bessa-Luís – 50 Anos de Vida Literária”, Porto 1998; várias comunicações na Classe de Letras da Academia das Ciências de Lisboa.

internacionais⁶, bem como em cerimónias oficiais⁷. A ilustração remete para o método escolástico de disputas sobre questões solenes – *quaestiones quodlibetales* –, nas quais as artes da dialética e da oratória se exibiam com argúcia, tão ao gosto da escritora. Estes ensaios inéditos, ou disponíveis apenas em publicações institucionais⁸, aprofundam muitas das ideias que lemos em alguns artigos de jornal sobre o tema. Por outro lado, as representações oficiais eram retratadas nas crónicas com a preocupação de informar o leitor sobre os trabalhos desenvolvidos e, sendo breve o espaço da rubrica, é interessante examinar os tópicos que a autora considera mais formativos para o público.

Alegria do mundo I e II e *Contemplação carinhosa da angústia* são o testemunho da autora no espaço da *polis*, os primeiros como cronista na imprensa periódica ao observar o que vai acontecendo na comunidade à qual pertence, o segundo como porta-voz dessa mesma comunidade.

Finalmente, em 2017, a Fundação Calouste Gulbenkian publicou três volumes organizados por Lourença Baldaque, que recolhem todos os artigos publicados entre 1951 e 2007. *Ensaios e artigos (1951-2007)* é um arquivo cronológico magistral, dotado ainda de cuidadosos índices de títulos, de publicações e índices onomástico e topográfico. Cada um dos volumes abre com a reprodução de uma fotografia de Agustina Bessa-Luís a preto e branco, pelo fotógrafo Adelino Meireles, de 2004.

Todas as antologias, cada uma à sua maneira e com o seu leitor, assinalam a monumentalidade da obra cronística de Agustina Bessa-Luís, contribuindo também para a canonização do género crónica.

3 Pensamento e estilo cronístico

Os escritos de Agustina, para além do romance, espalham-se nas formas breves do aforismo, do ensaio e da crónica. Alguns dos aforismos foram reunidos no livro *Aforismos* [1988], mas o uso desta forma, lapidar e incoerente, instila toda a escrita da autora, que fez desta forma breve o traço mais exemplar da sua “gaîté mozartiana” (Pereira, 2019, pp. 510-521). O aforismo, em Agustina, é uma prática mais estilística do que formal. Por sua vez, a presença da forma ensaio na obra deve-se, sobretudo, a estudos para revistas literárias, livros de homenagem e comunicações académicas ou institucionais. Mas a prática do ensaísmo vai muito mais além destas publicações circunscritas. Assim como o aforismo é um vício da sua pena, o método ensaístico, ou seja, a ampliação de assuntos tratados dialecticamente rumo a uma conclusão, é na escritora uma pulsão criativa. Se a sua escrita é ensaística por índole e aforística por carácter, toda a sua oficina, desde os romances às crónicas, é um húmus fértil de influências formais e estilísticas, ou, por outras palavras, “Agustina (...) é um contratempo para a taxonomia literária” (Mexia, 2000, p. 9).

A crónica embebe-se naturalmente do ensaio, até pela afinidade, nos dois géneros, da subjectividade impressa pelo uso da primeira pessoa. Ensaio e crónica também se caracterizam pela hibridez com outras formas de narrativa pessoal – a carta, o fragmento, o diário –, mas a autora dedicar-se-á ao jogo de influências apenas entre a crónica e o ensaio. Quando, em 1969,

6 Congresso da Associação Internacional para a Cultura Ocidental, Roma 1975; Universidade de Caracas, 1981; Universidade de Salamanca, 1984; Congresso “O Espaço Cultural Europeu”, Madrid 1985; Universidade de Granada, 1987; Congresso “As Fronteiras Culturais da Europa”, Palermo 1996.

7 Comemoração do Dia de Portugal no Funchal em 1981; Comemoração do Dia de Portugal em Macau em 1991.

8 Como as várias comunicações para a Classe de Letras da Academia das Ciências de Lisboa e as comunicações escritas para os encontros em Madrid (1985) e em Palermo (1996) sobre o espaço cultural europeu.

David Mourão-Ferreira compila a antologia de crónicas *Discurso directo* tem o cuidado de a abrir com uma “Nota preliminar”, onde sublinha o difícil reconhecimento de um género que é misto, por ter um “bastardo parentesco com a própria crítica, com o próprio ensaio” (Mourão-Ferreira, 1969, p. 10). A escrita cronística de Agustina distingue-se pelo prazer neste hibridismo, dificultando a catalogação clara dos textos e confundindo o leitor menos familiarizado com estes géneros.

Por ser um texto breve, a crónica deixa transparecer mais claramente as estratégias ensaísticas, sem que estes momentos de abstração se diluam, como acontece na cadência suave e extensa do romance. Maria Helena Santana sublinha a relevância do molde cronístico, para a transparência do investimento ensaístico na escrita de Agustina:

Toda a sua produção ficcional vive de um forte investimento ensaístico que, no entanto, se exerce de forma atomizada, descontínua, numa constante derivação do plano narrativo para o especulativo. Nos textos cronísticos, por norma mais propícios ao tratamento analítico, o conteúdo reflexivo ganha outro fôlego, mas a descontinuidade mantém-se como marca autoral. (Santana, 2010, p. 136).

A veia ensaística enriquece, então, o texto, sem que a arquitetura da crónica perca os traços fundadores do género: os seus textos cronísticos nascem da experiência pessoal do quotidiano colectivo e focam-se, tanto no que é notícia, como em contingências mais marginais, tudo interpretado num estilo conversacional e pontuado pelo uso da ironia e da *captatio benevolentiae*. O que acontece é que a digressão coloquial motiva, irresistivelmente, um discurso mais abstracto, que se presta à argumentação filosófica. O leitor deixa-se guiar pela mão analítica do cronista e vê-se enredado numa *selva obscura*, para depois desembocar ileso, de onde se avista a razão do salto especulativo – o de percurso necessário para o entendimento profundo das coisas. O virtuosismo narrativo da escritora é uma exegese do que acontece em redor, com um intuito de tornar o mundo mais familiar, disponível para ser habitado, porque “[n]ão há espaço habitável se não for narrado” (Bessa-Luís, 2017, p. 1233).

A vocação da sua voz cronística – e também a de romancista – é a de extrair a moral da história, não a de deixar o solitário leitor a cismar no sentido da vida. Agustina, nos textos onde reflectiu sobre a escrita, nunca se furtou a uma veia útil e social do seu labor, escolhendo palavras como ‘tarefa’ ou ‘trabalho’ para definir o seu mester:

Eu sou uma escritora, testemunha sensível dos costumes, circunstâncias e discursos da minha época. A minha tarefa é compreendê-los, tentando arrancá-los à circularidade das verdades que a angústia e o tédio autorizam num tempo medido entre a vida e a morte. (Bessa-Luís, 2000, p. 23).

Toda a prosa cronística de Agustina está imbuída de uma ética de trabalho comunicante. A vida quotidiana da comunidade é peneirada nas considerações pessoais do cronista que dota o texto de um valor colectivo, devolvendo-o ao espaço social.

No texto escrito para a cerimónia de atribuição do doutoramento *Honoris Causa*, em 2008, pela Universidade Tor Vergata, um dos seus últimos textos públicos, a escritora reflecte sobre os motivos da sua produção ficcional e sublinha a obrigação – daí a natureza ética – de criar para a comunidade, para a multidão da qual faz parte:

A maior [obrigação] é a de partilhar com os outros a dignidade que o tempo consagra; mas o tempo é o fragor de multidão que nos torna família indispensável. Sem uma onda de gente, passada e presente, não teríamos arte nem verbo. Se somos solitários, à companhia dos outros consagramos a solidão; se somos alegres de fantasias, é para os outros que o somos. Porque não temos vida sem um espelho em que nos vemos. Ninguém tira do nada a sua criação. (Bessa-Luís, 2008, p. 44).

O trabalho do cronista determina-se na narração pessoal dos pormenores do tempo colectivo e exige sensibilidade para apreender o sentido histórico do presente. Mas a noção de acontecimento reveste-se, na época contemporânea, da problemática da velocidade a que estes sucedem e que são registados e divulgados, como se tudo pudesse ser acontecimento e todos os acontecimentos constituíssem a História. Captar o sentido histórico do presente, e narrá-lo, exige uma consciência histórica fortemente enraizada na comunidade de pertença, cujas mudanças colectivas incidem na vida pessoal.

A cristalização dos acontecimentos sociais na crónica faz com que este género espacialize o tempo, abra um lugar de convívio de leitores, os una em volta dos detalhes do tempo comum com o seu autor. Para além de possuir a “sensibilidade do concerto comunitário” (Bessa-Luís, 2015, p. 34), a voz do cronista é distinta da dos ouvintes, como um eco, que se difunde, pluralizando-se. Carina Infante do Carmo refere a distância do narrado, como traço inevitável da actividade do cronista:

Ao seu jeito, a crónica constrói o tempo colectivo, inscrito na História e no quotidiano, a partir de um olhar pessoal, por vezes, declaradamente autobiográfico – ao sabor dos dias comuns dos homens, mas também capaz de marcar em relação a eles a necessária distância melancólica e crítica. (Carmo, 2018, p.12).

A consciência da distância crítica, aliada à vocação para partilhar com o coletivo o que dele se infere, convida ao comentário filosófico e doa aos textos um lastro moral. O que torna distintiva a distância de Agustina da de outros cronistas é ela ser um desacerto pessoal duplo, capaz de um afastamento seja na categoria de tempo, seja na de lugar.

No primeiro texto ensaístico publicado, “Da comunicação”, a autora discorre sobre o papel do intelectual, afirmando que este “traduz, em geral, o nervo da sua época” (Bessa-Luís, 1959, p. 19). Os acontecimentos sensíveis, que marcam o tempo colectivo, devem ser, então, além de narrados, traduzidos, ou seja, vertidos numa nova linguagem que nasce sempre num lugar outro, num tempo e espaço não coincidentes com a actualidade. Como cronista, Agustina não se preocupa em ser actual, mas sim em ser contemporânea do seu presente, através de um desfasamento, de um anacronismo inesperado que lhe permite apreender e apoderar-se do seu tempo. O princípio da contemporaneidade, tal como proposto por Agamben (2008), baseia-se na relação dúplice que o sujeito instaura com o tempo: ele, inevitavelmente, nele vive e participa, mas alguns cultivam uma distância que permite fixar o olhar sobre a volubilidade do que vai acontecendo. Ser contemporâneo é abrir uma brecha de necessária distância no tempo colectivo para alcançar, noutro lugar, o nervo das coisas.

O olhar contemporâneo nos textos cronísticos de Agustina não só outorga uma moralidade à sua época, como perdura o valor literário das crónicas no tempo, precisamente porque não se cinge à actualidade de um período circunscrito. Os acontecimentos não são comentados como mera informação que se esgota no seu tempo histórico, não são opiniões decíduas, mas uma narração epocal que actua como uma presença real, legando-nos textos que pretendem ser instrumentos de progressão histórica.

No tom da crónica, o leitor reconhece a densidade e a riqueza da experiência. Seja um lugar novo, ou um acontecimento surpreendente, a sua narração denota um traquejo de vida que emoldura o que vai acontecendo. O ensaio que Benjamin escreve em 1936, a propósito da figura do narrador em Leskov, estabelece dois modelos arcaicos de voz narrativa: a do agricultor sedentário, conhecedor profundo das raízes do seu lugar, e a do navegador mercante, que traz novas de terras desconhecidas. Ambas as encarnações divertiriam a autora, cada uma à sua maneira. Se, por um lado, a escritora se deixou figurar como uma prosadora do norte, arreigada à casa de família e aos seus ritos, por outro, foi escrevendo crónicas de aeroportos americanos,

hotéis em Macau, pausas de congresso em Israel, dos Cárpatos romenos, das ruas de São Paulo, de Micenas, da ópera de Berlim, dos mercados de Roma... a lista é rica de lugares, dos quais se apropriou através da narração vívida e vivida. O vórtice de viagens nas crónicas deixa o leitor estupefacto com essa Agustina que ele imaginava aconchegada e imersa num reino doméstico.

No entanto, não é da descrição do espírito do lugar de origem, ou da enumeração dos exotismos da viagem que se nutre o verdadeiro narrador: “a extensão real do mundo das narrativas, na sua plena extensão histórica, é impensável sem uma interpenetração profunda dos dois arquétipos” (Benjamin, 1992, p. 29), ou seja, ambas as experiências dialogam para a interpretação do vivido, potenciando-se, porque o que se conhece ajuda a ler uma nova experiência que, por sua vez, actualiza o conhecido. A narração dos acontecimentos alcança, assim, um valor histórico intenso por ser *actio in distans*, uma acção que relata a interação instantânea de dois planos distantes entre si. As crónicas de Agustina nascem desta dinâmica, na qual as vivências locais e cristalizadas vão servindo para aceder ao que é novo, tornando-se numa narração outra, mas familiar, porque “mergulha as coisas na vida do narrador para depois as ir aí buscar de novo. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso” (Benjamin, 1992, p. 29).

O cruzamento destas duas esferas de experiência não justifica, por si só, a construção de modelos de devir que exalam da sua escrita cronística. A leitura das crónicas, sejam elas de viagem, autobiográficas ou de opinião, permite afirmar que a escrita não se pousa instantaneamente nos pormenores de um acontecimento, no entusiasmo de uma paisagem diferente ou no gesto de ida em direcção ao que é novo. O pensamento da autora tende a nascer num momento mais tardio e sensível: o do retorno ao ponto de partida, já com as novas vivências dobradas na velha bagagem. A tranquilidade do regresso propicia um descolamento das circunstâncias, dos acontecimentos, emersos do turbilhão da novidade. E é por isso, que há uma ausência subtil nas crónicas de viagem: o itinerário de ida. Talvez porque, como afirma María Zambrano, “[a] experiência diz-nos que não se vê quando se vai. Ao ir (...) não se vê nem sequer para onde se vai. Se o voltar é realmente um voltar, e não a repetição do ir, é quando o ver se apresenta”⁹ (Zambrano, 2011, p. 123).

O olhar da ida encandeia-se de maravilha e assombro, enquanto o regresso, pelos passos conhecidos, alenta a disposição para realmente ver, mas o olhar retrospectivo só acontece com a convocação das memórias, veio de ouro de toda a obra agustiniana. Em Agustina, as memórias são uma fonte inesgotável, precisamente porque não são estáticas. A memória constitui uma ferramenta criativa na obra ficcional, mas, regressando ao território da crónica, ela desvela-se como nutriz do pensamento da autora, na medida em que vai aclarando o vivido nesse olhar retrospectivo sobre o mundo. A memória do que se viveu colhe o sentido das coisas, que se sobrepõe à sua verdade, e vai servindo como método de conhecimento e apropriação temporal.

Agustina inscreveu-se na linhagem da crónica porque a maleabilidade do género serviu o engenho do seu pensar, libertando-o da verificação dos factos históricos, da cronologia rígida dos acontecimentos e de uma narração desprovida de modelos de devir, imposta, por exemplo, ao historiador. Da disciplina da História, a autora apropriava-se do que lhe convinha para livremente manusear episódios e figuras, explorando o subgénero da ficção historiográfica, no qual se tornou uma mestre na literatura portuguesa contemporânea. A historiografia agustiniana obedece ao desígnio de recompor a moralidade de uma época que sirva de conselheira aos vindouros, descartando, assim, a narração mais despida da História, que “é substituída pela

9 “[L]a experiencia nos dice que no se ve cuando se va. Al ir (...) no se ve ni tan siquiera adónde se va. Si el volver es realmente un volver y no la repetición del ir, es cuando el ver se presenta”. Tradução nossa.

exegese, que não se preocupa com o encadeamento exato de fatos determinados, mas com a maneira da sua inserção no fluxo insondável das coisas” (Benjamin, 1992, p. 33).

Por sua vez, na crónica, os factos históricos são um pretexto que serve para localizar e interpretar até os banais acontecimentos da vida quotidiana. Num editorial de 21 de Agosto de 1986, a autora escolhe falar da ausência arquitectónica de bilheteiras na estação de São Bento, informando, no início do texto, que “[q]uando o engenheiro de Baère projectou a estação de S. Bento, consta que se esqueceu das bilheteiras” (Bessa-Luís, 2017, p. 1334). À descrição burlesca da confusão, que os espaços improvisados para a venda de bilhetes causam nos passageiros em trânsito, segue-se o defluir da multidão, deixando a cronista entregue ao tempo posterior às coisas, propício ao olhar retrospectivo:

Havia uma certa beleza na confusão; sobretudo, como eu ficava por terra, sobrava-me disposição para comentar e tirar elações, fazer provérbios, tecer considerações; sabia que, arrumado o caso, escoada a gente com a sua bagagem, serenada a aflição com a ordem de embarcar e depois se veria, eu podia ir tomar um café, com ar extremamente insuspeito. (Bessa-Luís, 2017, p. 1334).

Um mês depois, a 21 de Setembro, o título do editorial anuncia o regresso ao mesmo tópico, “Ainda o caso das bilheteiras de S. Bento”, porque a cronista recebera a carta de uma leitora a corrigir a autoria do projecto da estação: “Ainda o caso das bilheteiras da Estação de São Bento move estas letras. Porque me adverte uma senhora familiar do ilustre Arq.^º José Marques da Silva, de que o projecto da estação se deve à sua mão e engenho e não ao Eng.^º De Baère” (Bessa-Luís, 2017, p. 1353). O que mais divide e desconcerta a autora é a reacção excessiva da senhora à sua inexactidão histórica – “«Aquela informação foi por mim recebida como a mais estranha e maléfica das bombas..» É forte.” –, e a incapacidade da leitora em perceber que “[o] que estava realmente em causa era o esquecimento quanto às bilheteiras” (Bessa-Luís, 2017, p. 1353). Perante o pedido de autenticar o facto histórico e torná-lo um tema central do texto, a cronista relega-o para o estilo policial, utilizando o humor para repor a narração cronística: “Se este erro é devido ao Arq.^º Marques da Silva, o seu a seu dono. Se elas se extraviaram entre o atelier de De Baère e o estirador de Marques da Silva não sei. É assunto policial averiguar o paradeiro das bilheteiras que, faltar – faltam” (Bessa-Luís, 2017, p. 1353), e termina o seu artigo com uma reflexão sobre os hábitos sociais, imprescindíveis para a noção de espaço colectivo.

O seu estilo provoca a impressão de desuso e o leitor adverte um ponto de honra de não actualidade, apesar da busca incessante das interrogações e das respostas aos problemas do seu tempo histórico. Relativamente a estes, a autora assume uma posição de inteligência crítica, tão lúcida que se torna distante, enquanto o seu juízo moral e rigoroso orquestra uma espécie de rumo da consciência. À cronista compete fazer uma digressão pelos factos e contingências que perpassam a vida da comunidade, para os reconstruir, lentamente, num pensamento que vislumbra as tendências, eternas e inamovíveis, da ética social.

Ao escolher não expor os pormenores quotidianos em termos de actualidade, o uso do tom profético adequa-se ao discurso ensaístico, capaz de nos enredar num percurso de leitura cíclico, onde reconhecemos o nascimento, a renovação e o declínio das ideias. No entanto, os factos e as contingências existem e a autora mantém-se atenta, mas como uma colecionista que constrói um repertório, estudando-o, anotando-o e arquivando-o, para dele guardar o significado, para reter aquilo que é imutável. Os acontecimentos lábeis do mundo transmutam-se em fenómenos com os quais tece uma cosmovisão.

Foi a crónica na imprensa periódica que mais confrontou a autora com a dificuldade que o público sentia perante a densidade da sua linguagem. Os comentários ouvidos na rua e as cartas

enviadas para o jornal eram reescritos nas crónicas, com o intuito de partilhar, com a comunidade de leitores, dúvidas que poderiam ser as de todos. Encontram-se nas suas respostas reflexões sobre a função social da linguagem, sobre o papel da língua na aprendizagem do mundo, mas, sobretudo, sobre a responsabilidade dos jornalistas e dos escritores no manuseio público da língua:

uma conversa, mas que se torna familiar acabam por pedir-me que eu escreva mais claramente, para os filhos delas e para os netos. Não pensam que eles têm o dever de elevar-se na vida, e nas artes, se puderem; e eu tenho a obrigação de servir-lhes de exemplo. A clareza é um subterfúgio do vazio. (Bessa-Luís, 2017, p. 1256).

Mas a linguagem agustiniana, antes de ser um exemplo ou um modelo, é o remate da sua forma de pensar, ou nas palavras de Agustina num congresso¹⁰: “A linguagem é uma experiência: representa uma quantidade da própria acção” (Bessa-Luís, 2000, p. 66). O exercício do seu estilo na crónica corresponde à essência do seu pensamento, mas também à função cultural que acredita exercer na comunidade. No ensaio “O artista e o pensador como minoria social”, escrito em 1982 para a Classe de Letras da Academia de Ciências de Lisboa, a autora declara-se uma intelectual, aceitando os desafios e consequências sociopolíticas deste estatuto. Neste texto, não se encontra a palavra escritora, como se esta profissão fosse um ofício que declinasse o pensamento cultural de uma época, para o qual os livros tanto contribuem, como a pintura ou o cinema. Agustina apresenta-se como uma intelectual no “molde que lhe atribuiu Max Weber quando o qualifica dentro de ética de convicções; (...) um tipo de intelectual, pouco numeroso talvez, que é hoje o único apoio da História dum povo” (Bessa-Luís, 2000, p. 44).

Ao analisar a marginalização da classe dos intelectuais face a decisões de poder e alterações profundas nos meios de comunicação, a autora sublinha a tenacidade requerida para que o intelectual não ceda a modas comunicativas e se aceite como minoria social. Esta cidadania minoritária comporta, antes de mais, um espírito de controvérsia e provocação, e um regozijo na sua condição solitária:

Como parte de uma sociedade minoritária, [o intelectual] actua de maneira provocadora, procurando enobrecer-se pelo que chama a sua oposição. Ele sabe que toda a oposição exerce um atractivo irresistível; e que aquilo que não pode conseguir pela virtude numérica, pode obtê-lo pela paladinagem. No entanto, essa atitude aparentemente atractiva contém, na verdade, uma vontade de exclusão. De facto, ele não quer ser assimilado. Toda a marginalidade inclui o desejo de evitar a reconciliação. Não porque ela contenha algo que prejudique a convicção generosa da vocação que é o convívio humano, nos seus laços afectivos e culturais. Mas a reconciliação como a entendeu o poder absoluto. (Bessa-Luís 2000, pp. 45-46).

Não se acede, em toda a inteireza, à linguagem de Agustina sem entender que a sua opacidade não é uma pose eremita ou sobranceira, mas sim uma impertinência social, uma atitude agitadora e esfusiente, que zela pela alegria e carinho que sente por essa “onda de gente passada e presente” (Bessa-Luís, 2008, p. 44), razão do verbo e da sua arte. A pertença à minoria como vontade de exclusão significa, também, a defesa de um espaço de liberdade – de grupos, escolas, movimentos, correntes, que permitiu mover-se no campo literário, em direcção a causas nas quais acreditava e onde achava que a sua voz era relevante, sem a obrigação de aderir a contestações corais. Para a escritora, a paladinagem como valentia solitária requer sempre a fidelidade desinteressada a uma causa, acabando, assim, por ser a nobre embaixada de uma maioria silente.

10 Congresso *As Fronteiras Culturais da Europa*, Palermo, Junho de 1996.

Numa crónica radiofónica de 1978, Agustina Bessa-Luís diverte o ouvinte ao brincar com a importância das suas incursões nos acontecimentos quotidianos. A voz da escritora declara sorridente: “Prefiro divagar de maneira assombrada, como os fantasmas ingleses, com a cabeça debaixo do braço. Isto é: sem cátedra e sem importância” (Bessa-Luís, 2015, p. 45). O imenso catálogo de crónicas da escritora está imbuído desta galhardia de provocar e desconstruir os assuntos e as personalidades, que se outorgavam o condão de moldar as vivências sociais do país, e a sua pena incorrigível actuou o que Pedro Mexia nomeia a arte do desaforo agustiniano:

Os desafors agustinianos, que são também incursões ou abordagens, praticam todos os atrevimentos e insolências à medida que vão tirando os privilégios àqueles que tomam de assalto mundos que não conhecem, bem como aos que conhecem demasiado bem o seu mundo para o tomar de assalto. (Mexia, 2020, p. 41).

Apesar do humor e da aparente displicência, Agustina Bessa-Luís partilhou com outros seus contemporâneos a intenção intervintiva da escrita cronística como “acto de consciência” (Mourão-Ferreira, 1969, p. 15). A sua obra cronística constitui um catálogo desses actos, que pela sua coesão formam um pensamento inteiro. A cronística da autora ajuda a entrever com mais nitidez, dado o seu carácter avulso e conciso, o mecanicismo do seu pensar, para além de alisar uma ou outra prega da outra metade fulgurante da sua oficina criativa, o romance.

Que a leitura de todos os seus escritos nos continue a assombrar.

Referências

- Agamben, G. (2008). *Che cos 'è il contemporaneo?*. Nottetempo Edizioni.
- Benjamin, W. (1992). *Sobre a arte, técnica, linguagem e política*. Relógio D'Água.
- Bessa-Luís, A. (1988). *Aforismos*. Guimarães Editores.
- Bessa-Luís, A. (1996). *Alegria do mundo I*. Guimarães Editores.
- Bessa-Luís, A. (2000). *Contemplação carinhosa da angústia*. Guimarães Editores.
- Bessa-Luís, A. (2008). *Pensadora entre as coisas pensadas*. Guimarães Editores.
- Bessa-Luís, A. (2015). *Crónica da manhã*. Babel.
- Bessa-Luís, A. (2017). *Ensaios e artigos*. Fundação Calouste Gulbenkian.
- Carmo, C. I. (2018). *A visagem do cronista*. Abysmo.
- Mesquita, M. (2024). *25 de Abril. A transformação nos media*. Tinta da China.
- Mexia, P. (2020). Agustina Bessa-Luís. In A. Feijó, Figueiredo J.R. & M. Támen (Eds.), *O cânone* (pp. 41–46). Tinta da China.
- Mexia, P. (2000). Introdução. In Bessa-Luís, A., *Contemplação carinhosa da angústia* (pp. 9–16.). Guimarães Editores.
- Mourão-Ferreira, D. (1969). *Discurso directo*. Guimarães Editores.
- Pereira, J.C.S. (2019). *As literaturas em língua portuguesa (das origens aos nossos dias)*. Gradiva.
- Santana, H. (2010). Fragmento, crónica, ensaio (em torno da escrita de Agustina em 1.ª pessoa). In Goulart, R. M., *Poéticas do ensaio* (pp. 131–144). Centro de Literatura Portuguesa/Universidade de Coimbra e Universidade dos Açores.
- Zambrano, M. (2011). *Notas de un método*. Editorial Tecnos.